

SÂNZIO ÂNGELO

PEQUENO
ESTOQUE DE
IDEIAS

Editora

SER
TÃO
CULT



SÂNZIO ÂNGELO

PEQUENO ESTOQUE DE IDEIAS

Sobral - CE
2023

Editora
**SER
TÃO
CULT**

PEQUENO ESTOQUE DE IDEIAS

© 2023 copyright by Sânzio Ângelo

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaocult.com
sertaocult@gmail.com
www.editorasertaocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Diagramação

Rosilene Alves de Albuquerque

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967



A584p Ângelo, Sânzio.

Pequeno estoque de ideias. / Sânzio Ângelo. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

66p.

ISBN: 978-65-5421-070-6 - papel

ISBN: 978-65-5421-071-3 - e-book em pdf

ISBN: 978-65-5421-072-0 - e-book em mobi

Doi: 10.35260/54210713-2023

1. Literatura. 2. Crônicas. 3. Literatura Brasileira- Crônicas. I. Título.

CDD B869.301

*Obrigado a Glaudenir, Stephânia, Áureo, Akemi,
Aldenir, Lily, Tassini, Naju, Bea, Beatriz, Kauã, Júlio,
Athus, João Davi, Pedro Pinheiro.*

*“O que é a literatura senão a
transformação do genérico em singular?”*

Sânzio Ângelo



SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Juízes.....	11
Medicina hilária.....	25
Adultos.....	33
Mais uma tragédia.....	41
Dedicado àqueles que me encontrarão no outro lado.....	57

PREFÁCIO

Aponto como principal fator para a criação desta obra a minha cabeça pensante. Movido por meu fone de ouvido, por homens berrando, guitarras estridentes e bateria imponente, punha-me a contar histórias para mim mesmo, essas se resumiam a conflitos e situações cômicas, instantâneas e isentas de contexto. Algumas dessas foram se repetindo, aos poucos as lapidei e dei forma, mas meus vários pensamentos pareciam querer expulsá-las para então fabricar mais conflitos e situações.

O papel apresentava um bom espaço para estoque.

Busquei retratar a realidade, expor comportamentos humanos aceitos e renegados de cada dia. Mas o relato por si só não interessa, não é à toa que o universo fantástico vende tanto.

Então, para cativar atenção, aqui se fazem presentes as situações lapidadas com metáforas e construções de frases do mundo literário.



JUÍZES

Que corresse o quanto fosse, para lá e para cá, Luizinho sempre tomava um banho de suor. O amarelo da farda mudava de tom, e sua pele negra brilhava principalmente na careca, tornando-o conhecido como “Lustra-móvel”. O Sol fazia questão de estressar a todos que estivessem naquela quadrada panela de pressão, mas melhor passar essa raiva do que enfrentar chuva. Senão, não tem jogo, o dinheiro não entra no bolso.

Os pulmões poderiam estar exaustos, se houvesse uma doença causada pelo rompimento dos alvéolos devido a trabalho excessivo certamente Luizinho a teria, mas sempre havia um fôlego a mais para apitar fortemente e estender o braço ao final da partida. Caminhava ensopado até sua casa, no vestiário seria xingado, como se já não bastassem os 90 minutos. O estresse já era demais, só queria tirar um bom cochilo de banho tomado, seria vergonhoso perder um dedo durante a solda de um portão por se distrair remoendo os xingamentos da partida.

Luizinho corria bonito e gostava de futebol, por isso entrou na escolinha da cidade quando mais novo. Como todos os meninos de lá, sonhava em ser um daqueles jogadores da seleção: nome e rosto estampados no jornal e onde mais desse, querido por todos, goleador, namorando a linda mulher que viu em um filme da TV. Mas só quem aparece no jornal é atacante.

“Lugar de fominha perna de pau é no banco!” era uma das coisas que seus colegas de equipe lhe falavam.

Quando o Matador, atacante-titular indispensável na escalação, era substituído para descansar depois do primeiro tempo, logo diziam:

“Oh, Luizinho, deixa o Matador sentar no teu banco, deve tá bem quentin aí.”

Luizinho não era o melhor esquentar-banco, sua inquietação em mostrar ser decisivo nas partidas persistia, fazendo-o se levantar. Já que não podia invadir o campo e roubar a bola, dava pitacos, era um dos primeiros a ir reclamar com o juiz sobre falta e impedimento. Nessa altura, somente algo não fazia Luizinho ser expulso daquele time: a lábia.

“Quem não estuda ganha a vida com a boca”, era lema do pai de Luizinho, Seu Adamastor, dono de serralheria.

Luizinho poderia estar de terno, carregando uma mala ou uma bíblia, cheias de dinheiro, mas preferiu o futebol e ficar na sua cidade.

“Não posso abusar..., não tem matuto na cidade grande.”

O talento de Luizinho não garantia vitória, mas era bom se favorecer de um bico de chuteira que atravessara a suposta linha de impedimento. Suposta regra nova de uma suposta convenção feita em país chique.

Poderia ter sido técnico, mas a lábia não impede a dor de cabeça de tanto gritar com os jogadores, de pensar em escalações, técnico que não foi jogador é uma afronta. Sua visão aguçada poderia ter sido o diferencial para uma posição de zagueiro, mas zagueiro não pega a mulher da TV. Era muito mão de alface para ser goleiro, só lembrado mais quando erra do que defende. Sobrou para Luizinho ser árbitro.

Não usava mais a lábia tanto quanto antes, o apito já impunha o bastante, assim só restou relembrar momentos de seu antigo talento com seus já adultos ex-colegas de time quando estes iam atrás de serviço na serralheria.

“Luizinho, posso num ter dito isso antes, mas eu tinha, e ainda tenho, orgulho de você da época da escolinha. Os menino só te botavam lá embaixo, mas eu achava do carai quando tu fazia o juiz dá falta pra gente.”, dizia Matador.

Depois pediu por um desconto para o concerto do portão de sua casa.

O futebol da metrópole era tal como o do interior, o dinheiro não muda as regras e as trapaças. Os adultos falavam e falavam dos lances, comparando-os com suas épocas de jogadores. “Olha, na minha época, eu não jogava desse jeito não...”, enquanto os pequenos mediam a qualidade dos times com as posições na tabela e com um placar de um jogo que nem se lembrava mais. Campo de terra virava quadra, chinelas viravam chuteiras e luvas de goleiro, chute forte era proibido, ninguém queria brincar de gandula e ir buscar bola no meio de mato e debaixo de carro. Jogo importante era em grama sintética e alambrado, muro com cara de pintado recente, Quadra Municipal Toledo Neves. Toledo era o nome do prefeito, a quadra ficava perto de sua casa.

As arquibancadas de cadeiras de plástico já se enchiam antes mesmo de se avistar os paus-de-arara trazendo os jogadores e os técnicos. Até que restasse unicamente apitar para o começo da partida, Luizinho se entocava no vestiário como um vampiro que se esconde da luz, não havia como tornar frívolas as cornetas e vuvuzelas, barulhentas demais para só entrar no ouvido e sair pelo outro, e as brincadeiras dos vendedores ambulantes próximos, juiz só tinha autoridade dentro das quatro linhas.

No caminho para a quadra, passava pelo boteco de outro ex-colega, este até poderia ter tido um futuro no futebol, era um dos favoritos do técnico.

“Aquilo era brincadeira pro pai. Quando eu falei que queria ser jogador da TV, ele endoidou, dizendo que não prestava, que não era pra mim, não ia pra baixa da égua ver eu levar carrinho e inchar as perna, que era desculpa pra raparigar.”, dizia detrás do balcão da bodega, herança do pai.

Quando o acaso permitia à noite, na volta para casa, Luizinho era parado por outros ex--colegas em frente ao boteco.

“Oh, o Lustra-móvel ali, rapaz!”, sempre algum deles exclamava.

“Rapaz, quase que eu não vejo Luizinho numa escuridão dessa!”, às vezes era exclamado também.

Não queria perder o jantar, enfrentar o estresse da mulher por ter guardado as panelas, então suas conversas naquele boteco duravam enquanto não precisasse gritar para que se fosse ouvido algo devido à distância entre os interlocutores.

Naquela vizinhança, todo vizinho era um curioso nato. As paredes finas e as telhas velhas nada ocultavam conversas acaloradas e gritos dos pais para com os filhos, tais assuntos eram repassados em bate-papos, anos de intrigas familiares resumidos em rodinhas de cadeiras de plástico em frente às casas.

Ali logo saberiam a opinião de Luizinho sobre o futuro de seu filho. Tinha colocado o garoto em uma outra escolinha de futebol da cidade (a antiga havia sido fechada para dar lugar a um armazém), brincava de gol a gol com ele nos fundos da casa, os vizinhos sabiam pelas pancadas na parede e pelas reclamações do menino quando errava um chute, igualzinho ao novo jogador da TV.

Aagitado pelo açúcar da rapadura que comera escondido antes do jantar, o menino barulhava com a língua entre os lábios.

“Deixa de sujar a casa, menino!”, disse a mulher.

“Eu tô imitando o apito do papai, eu quero ser com nem ele.”

As cornetas, vuvuzelas, brincadeiras, os “Não foi falta não, juiz baitola”, “Lustra-móvel corno” na Toledo Neves contribuíram para o alto e agressivo tom de voz que se seguiu.

A ambição havia se esgotado no estágio do acostumar-se na vida adulta. Passados os primeiros dias de trabalho e seu nervosismo, tornados rotineiros as contas e o sono instantâneo na cama, silenciados os problemas internos e familiares, Luizinho sobrevivia os dias úteis para então viver nos finais de semana e feriados.

Depois de alguns bicos e da aprovação de Adamastor, finalmente aos 18 anos poder trabalhar onde gostava, no lugar em que descobriu seu talento, punha seu coração por completo, idealizava metas, alçara a posição de jogador da TV, poder rememorar a lãbia da infância na fase adulta; resumia-se assim o imaginário de Luizinho quando apitava na antiga

escolinha. Os xingamentos e o pouco dinheiro que recebia por partida..., com o tempo seria diferente, aquele que apitara na sua época devia fazer aquilo não somente por paixão, o dinheiro eventualmente aumentaria.

O Luizinho de 19 anos escondeu sua má alimentação até que verdadeiramente entendesse sua condição paupérrima de árbitro, enfim se convencer de trabalhar na serralheria do pai. Passou a dividir sua concentração entre a soldagem de um metal pela manhã e entre as pernas e braços que impediam o avanço de um jogador pela noite. As faíscas saltando aos olhos, o barulho estridente da maquinaria ao pé do ouvido, seu foco desgastado em não perder os dedos e sujar de sangue o portão do cliente, por vezes se desbotavam na mente, como uma maldição, e atrapalhavam suas decisões em campo.

“Isso foi falta aonde, juiz viado?!”, o pé do ouvido foi ouvindo isso com mais frequência.

Luizinho estava estressado e precisava descansar, assim pensou o dono da escolinha ao pôr o braço sobre o ombro de um de seus árbitros favoritos, isolado em uma cadeira na comemoração dos 20 anos da escolinha.

“Aqui..., vá raparigar, você merece.”, disse o dono ao estender um maço o qual, se Luizinho usasse com sua noção, pagava a entrada do clube novo na cidade e 5 cervejas.

A qualidade do clube já se media pelo tamanho do segurança na entrada. Luizinho tremera no entregar da identidade, um peitoral daquele tamanho era capaz de entortar bala de revólver, um empurro que o segurança desse faria qualquer magricelo parar na calçada do outro lado. Os holofotes que coloriam até as frestas da porta de entrada cegavam Luizinho com azul e vermelho gritantes, quem estivesse no camarote, andar acima, conversaria de costas para conseguir enxergar, as luzes davam uma sensação de amplitude para o espaço. Fugia-se dessa luminosidade abusiva na pista de dança e bar, neste Luizinho descansava a vista e tomava uma cerveja de seu convívio. Podia tomar mais 4.

Engraçou-se nos olhares com uma mulher perto e tentou impressionar, com um tom de voz maior, pedindo uma outra cerveja.

“Me vê essa... essa...” – nunca tinha visto aquele nome antes, mas precisava soar natural, como se fosse de costume – “essa páliali”.

“Vou querer a pale ale da casa.”, disse a mulher, sentando-se ao lado de Luizinho.

“É, o mesmo que o dela”.

Agora podia tomar mais 1.

A conversa entre os dois durou brevemente, como se a troca de olhares já tivesse direcionado o assunto.

Luizinho disse que trabalhava como árbitro, a mulher explicou como sabia a pronúncia da palavra estrangeira: os tios, por parte de pai, haviam enricado na cidade, e os primos, que a cada visita apareciam mais gordos, corados e viciados no celular, falavam uns inglês entre eles.

“Já tamo sentado aqui faz tempo..., quer esticar as perna na pista comigo?”, sugeriu Luizinho.

Do bêbado ao sóbrio, todos executavam perfeitamente a coreografia: para frente e para trás, para direita e para esquerda, mostrando entusiasmo no minucioso balançar dos braços colados ao tronco e do quadril. As batidas se repetiam há um tempo, Luizinho estava confiante.

A próxima música entrava de repente. A batida era muito mais rápida.

“Meu Deus, eu amo Maniac!”

Luizinho mal ouviu o que a mulher disse, pois a paixão por essa música se unira em um grito que ecoou por todo o clube. Logo depois parecia ter se unida toda na dança da mulher.

“Diabo é isso?!”, disse Luizinho, estático.

As pernas saltitavam, como se fosse galinha pisando em areia quente, intensidade tamanha que os bicos do salto-alto iriam furar o vidro da pista, pensou Luizinho. Para a sorte de sua superstição, a mulher parou com tal façanha ao tropeçar e quase torcer o tornozelo, recompôs-se e passou a dançar mais tranquila, de um jeito que, sem saber, permitia a Luizinho focar no que primeiramente o fez querer se engraçar com a moça.

Eventualmente a mulher pôs-se a sair, Luizinho a acompanhou. Na saída, ela se espreguiça e joga o cabelo, como se se arrumasse, o rapaz se anima:

“Posso te levar em casa, se quiser.”

“Nam, menino, meu pai tá lá, se ele me vê com um macho, ele endoia.”

Despediram-se amigavelmente. A entrada estava aberta quando Luizinho ouviu que tocava Queen (conhecia pelas cantorias bêbadas com seus ex-colegas na buodega), e conseguiu falar à mulher, que já estava a uma certa distância.

“Aí, essa aí eu conheço. Não é daquele cara que morreu?”

Foram tendo outras noites juntos quando o pai da mulher saía com a esposa, acreditando que sua filha não era abestalhada de chamar homem que conhecera na gandaia. Fez a menina cursar direito, se interessar por literatura, de autores cujos caixões devem ter virado pó junto do corpo e que gastaram todo seu vocabulário e repertório para falar do corpo e face de uma tal filha de uma tal família rica e de um salão de festas.

Pôs a filha na igreja, todos que vissem repetiam o quão bonita ela estava nas fotos da eucaristia e da crisma, era o primeiro exemplo a vir à mente de um pai ou mãe que incentivasse o filho a sair do celular e ir à missa.

“Aquela sua amiga sai, se diverte, brinca, e nem por isso deixa de louvar a Deus, ainda vai pro grupo de jovem do padre.”

Ela sabia o que queria com aquele árbitro, vice-versa, mas pelas regras da boa convivência, preferiam se manter sob contextos amigáveis, chamava Luizinho para apenas assistir um filme, tomar alguma coisa, bater papo. No sofá, porém, o jeito que encostava a cabeça em seu peito, como era envolvida pelo braço de seu amigo apontavam para o desejo de ambos, somente não atingido logo para não correr o risco de ser chutado com a alcinha de tarado.

A amizade foi se fortalecendo, encontrar-se não exigia mais um convite. A mulher aparecia até de manhã na casa de Luizinho, dava pitaco sobre as amizades dele, falando quem prestava e quem não. Adamastor fingia não se importar com a conversa paralela em horário de trabalho, o barulho das serras fazia os dois pombinhos falarem mais alto, assim saciando a curiosidade de pai. Perguntava sobre a moça, seu filho dizia não ver problema nisso, que era o jeito dela mesmo.

“É melhor que Luizinho dê o fora nessa antes que ela coma o cu dele. Do jeito que ela é doida...”, pensava Adamastor quando empacava no caça-palavras.

A mulher fazia sua a casa de Luizinho, começou a lavar a louça da casa, engomar e estender a roupa, lavar o chão. Os amigos de Adamastor, igualmente maltratados pelo tempo e trabalho braçal, já achavam que os dois eram casados quando passavam por lá.

“Só tá faltando a aliança e ars briga”, sussurrava ao amigo, que não sabia esconder o riso de dentes entremelados e olhos espremidos, o casal acreditava ser advindo de uma história antiga ou do jeito de bêbado do homem.

A experiência de casado de Adamastor realmente acertara sobre o futuro matrimônio, a aliança no dedo seria mais uma burocracia para a consolidação de tal relação.

Voltando do campo à noite, exausto como se tornara costume:

“Rapaz, quase que eu não vejo Luizinho numa escuridão dessas!”

O assunto subsequente prendera a atenção do Lustra-móvel, que decidiu entrar para molhar e bater o bico. A mistura de vinho de galão com gelo e cachaça quente, naquela casa sustentada por vigas de madeira e de telhas centenárias sujas, deixou os homens mais emocionados no refrão e solo de Queen.

“Ai uánt to bei fri!”, gritaram em conjunto.

Luizinho foi-se embora em um caminhar animado logo após Guns N’ Roses estrear na caixa de som da bodega, ainda podia se corresponder com os neurônios que lhe diziam para ir para casa e dormir na sua cama. O cintilar das chaves na fechadura do portão pôs a mulher a postos na cozinha, único cômodo de luz acesa àquela hora da noite, o barulho de seus passos descalços já anunciava o tom da conversa que se seguiria.

“Onde é que o bunitim tava essa hora?”, aproximou-se de Luizinho.

“Eu tava bebendo com os menino.”

“E só agora lembra que tem casa, é?!”

Luizinho foi jogando a blusa no cesto de roupa e se dirigiu ao galão d'água, pensando que a discussão seria breve. Passado o interrogatório acerca de seu paradeiro, a briga prossegue:

“Custava você ter me dito antes aonde iria?”

Dado um silêncio, Luizinho fala:

“Não sei pra que essa brabeza toda por causa de bebida.”

Dada a munição, a mulher dispara:

“Enquanto você enchia o rabo de cana com aquele monte de merda que você chama de amigo, eu fiquei aqui preocupada contigo!” – recarregou o pente – “Mas, não, o homenzão aqui não podia avisar pra mulher dele, não podia passar essa vergonha na frente dos amigo, a mulher que se lasque! Eu não sou nenhuma rapariga pra ser tratada assim!”

“Tu olhe essa tua boca, que meus amigo não é qualquer merda não! Também eu num sou nem muleque pra sair por aí fazendo merda! Você só falta mandar em mim, me trata como se eu fosse criança! Posso nem mais descansar depois do trabalho, tenho que pedir permissão nessa porra agora?!”

A mulher acuada respondeu:

“Era só você ter me avisado antes...”

Luizinho tomou sua água, seu banho, escovou os dentes e vestiu seu calção de dormir; a mulher ficou na cama com seu pijama, roendo as unhas. Por um momento, até esqueceu que eram as unhas postiças postas para agradar seu namorado, a quem amava tanto. A revolta de Luizinho para com sua maneira de cuidar era injusta, conhecia-o melhor do que ninguém, sabia exatamente o que era bom e ruim para ele, só era feliz enquanto ele estivesse feliz; o decorrer de tais pensamentos corroía as unhas mais e mais, duas, ensebadas de saliva, já haviam sido atiradas ao chão pela boca nervosa. Luizinho via a cena parado na porta do quarto, uma empatia passava a surgir e lhe atacava o peito e a cabeça. Demonstrou perdão e compaixão no seu deitar e abraçar lentos, cobrindo as costas da mulher com o tronco do corpo e entrelaçando os braços na barriga, buscando acalmar e fazer voltar a amar aquele produto de mimo excessivo.

Mimo advindo de perda, as primeiras células não se multiplicaram o bastante para fazer ocupar aquele cômodo de paredes azuis, enxoval montado, brinquedos que estimulam a alfabetização, super-heróis, carrinhos, especialmente montado pelos futuros pais. Tamanho abalo fez o casal se voltar para Deus, dar novamente um sentido para acordar, comer e trabalhar; as refeições passaram a ser regradas de orações, à tarde tinham o compromisso de rezar o terço, a Sagrada Família, no quarto do casal, tinha a companhia de São Raimundo Nonato, santo das parteiras e obstetras. Recompunham-se, o cômodo agora esperava uma menina, as primeiras células se multiplicaram como esperado.

O mundo para o casal, tornado em pai e mãe, girava em torno da filha. As melhores roupas, penteados, laços, a melhor educação, os melhores conselhos. Os melhores gostos, as melhores opiniões, as melhores decisões, a autoconfiança da filha era o que a confiança do pai e da mãe determinasse. Não podiam desleixar perante tamanha graça divina.

Só havia saído naquela noite com a permissão dos pais: as notas na faculdade, o bom comportamento, a presença marcante no grupo de oração, mereciam por uma saída de juízo no novo clube.

Quando percebeu a façanha que havia cometido, de ter conseguido arranjar um homem digno por conta própria, agarrou a oportunidade com unhas e dentes. Os pais que reclamassem por não ser um desses da igreja que frequentavam, eles não entendiam como seu corpo queimava por aquele árbitro, como as leis e os salões de festa não adentravam mais na cabeça já ocupada pelo corpo e rosto de Luizinho.

Ter recebido o abraço foi aliviante, reafirmava a sua certeza e a necessidade de cuidar de seu namorado, que não podia mais agir daquela forma, em prol dos momentos felizes e amorosos.

Luizinho resmungava coisas no ouvido da mulher, pelo tom de voz pareciam ser perdões. Depois, abraçava mais forte, dando fungadas e beijos no pescoço, acariciava o cabelo. Tal empolgação não era repentina, pois Luizinho estava próximo do que mais desejava, do que o fez se engraçar pela mulher em primeiro lugar: a bunda.

A primeira vez em que Luizinho se apaixonou foi por uma mulher da televisão. No intervalo do jogo, após o primeiro tempo, anunciava-se o filme a ser exibido naquele dia à noite, no elenco uma modelo altamente cobiçada no imaginário de quem a visse. Luizinho até esquecera do placar de 4 a 0 contra seu

time no final da partida. Lembrava daquele rosto maquiado e perfeito quando alguém ia buscar a bola chutada para fora, rememorava o balançar do cabelo e o vermelho do batom enquanto mastigava uma refeição, seu corpo aparecia de repente no meio do Pai Nosso, seus banhos demoravam mais por causa do específico macacão do filme que marcava bem as pernas da mulher. Eventualmente a apaixonite se desfez quando Luizinho foi conhecendo meninas de sua idade, quando os banhos passaram a demorar por colegas de escola e por desconhecidas na rua.

No clube direcionara olhares às mulheres, tinha um certo padrão de beleza como todo mundo, ninguém veste a melhor roupa e passa o melhor perfume para encontrar gente feia. Quase que desistia de sua procura pela pessoa ideal, muitas das mulheres usavam roupas de uma moda que não lhe agradava, outras não tinham o dom da beleza corpórea.

“Essas mermo bateram a fuça na pia quando o padre batizou”, pensara.

Porém, satisfez-se com uma mulher que vira na pista de dança. Primeiro verificou se não estava acompanhada, não gostaria de apanhar de alguém maior do que ele e do segurança gigante. Estava sozinha, disso ele teve certeza após a vigiar. Uma hora ou outra, ela se cansaria e iria recompor as energias tomando algo no bar. Nesse momento, pregou os olhos na mulher, engraçaram-se, e então Luizinho pediu sua “páliali”.

Era a primeira vez que a mulher era desejada por um homem, ainda mais tão escancaradamente. Na infância mal saía para brincar, o mundo estava perigoso demais para deixar a filha sair brincando com qualquer criança na pracinha em frente à casa. A menina foi ganhando peso, para os pais era sinônimo de saúde e bom cuidado. Depois a filha vinha chorando para casa, falando como era horrível ser excluída no recreio porque, segundo os meninos da sala, Majin Boo não podia brincar de pega-pega. Os pais faziam as lágrimas sumirem dizendo como eles e Deus a amavam, que ela havia sido abençoada pelo Espírito Santo com os dons da sabedoria e bondade, comparavam sua dor com a de um profeta ou discípulo.

Ver aqueles olhos masculinos lhe admirando, o canto de boca sorrindo envergonhado, o seu peito começou a arder, o coração batia mais e mais, a mente idealizava um futuro próspero, o futuro que seus pais diziam Deus ter guardado para ela; refutou tais ideias com o que a mãe havia dito na porta de casa, assim como em Mateus, capítulo 7, versículo 6:

“Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas”, repetia internamente, assim contendo-se e pedindo uma pale ale para conhecer aquele homem.

A virilha de Luizinho colara-se às nádegas da mulher, àquilo que o deixara excitado na dança de Maniac, juntamente das coxas gordas, àquilo que o fazia ceder aos mandos e à presença constante da mulher em sua vida. Os beijos tornavam-se mais fortes e molhados, as mãos desciam da barriga em direção ao quadril.

A mulher já intervira outros beijos acalorados de Luizinho, dizendo que deveriam esperar mais um pouco. Mas, diante tamanho afeto e perdão, palavras bíblicas não eram o bastante para aquela ocasião.

Luizinho finalmente poderia desfrutar da carne que tanto desejou, que tanto custou paciência e sanidade. A sós, controlava-se mais na sala da casa da mulher, sentia-se desconfortável em estar de pau duro, com a cabeça da mulher no seu colo e com a mão sobre seu quadril, enquanto Raimundo Nonato, a Sagrada Família e Jesus crucificado o encaravam naquele sofá. As relações que teve com o tempo moldaram sua concepção de amar, no começo sonhava por uma companheira bonita pelo resto da vida. Frustrou-se com algumas garotas, que não queriam nada sério e que não sentiam o mesmo por ele. Ouvia as conversas de seus colegas de time, se gabavam de como bagaçaram com uma menina que haviam conhecido.

“Esse povo só quer saber de meter... é melhor curtir o máximo que der antes de enforcar o dedo na igreja.”, refletia no banho, antes que a bunda de alguém lhe interrompesse os pensamentos abruptamente.

Aquela mulher era seu terceiro caso, diferente dos anteriores pela duração, mas acabaria igualmente: sumiria da mulher por um tempo, reapareceria dizendo que o problema estava com ele, os choros e xingamentos entrariam no ouvido e saíam pelo outro, partiria para a próxima. Aprendeu isso com aquelas que lhe feriram, que não viu nada de ruim acontecer com tais, como uma consequência natural ou divina. Somente a bondade espontânea impede alguém de ser utilizado.

“É, só tá faltando a aliança.”, confirmou Adamastor, se virando de bruços e arrumando seu lençol na rede para conseguir o sono que lhe foi roubado

pela briga do casal àquela hora da noite, tarefa agora mais difícil pelos gemidos abafados e pelo ranger da cama.

Por dentre os choros e xingamentos, na discussão após o primeiro mês de término, Luizinho só não pôde ignorar o papel que a mulher estendeu.

“Eu tô grávida, seu porra! E você é o pai!”.

O nome chique da clínica dava uma maior veracidade para Luizinho.

Via-se obrigado a voltar a ver a mulher em sua casa, cuja barriga cada vez mais oval enchia Luizinho e os pais com desgosto. A presença do genro ali conseguia fazer a seriedade daqueles rostos calados exalar ódio, quando finalmente os sogros podiam libertar tamanha raiva para não atrapalhar a gestação. A aliança veio em pouco tempo, para dar clareza à responsabilidade a ser assumida. Já haviam se estressado com a filha meses passados, Raimundo Nonato agora que cuidasse de abençoar o parto da mulher e de fazer Deus interceder na vida dela.

“Interceda por nossa filha, pois ela não sabe o que faz.”, virou lema do casal.

Acreditavam ser falta de Deus, a filha tinha se ausentado do grupo de oração, largara o curso de direito, afirmando que agora ela deveria caminhar com as próprias pernas. Certamente deixara de rezar e permitira o diabo entrar em sua vida, que Jesus fizesse Luizinho queimar no fogo do inferno, ó Pai misericordioso, e a filha se ajoelhar e pedir perdão, como o filho pródigo que retorna à casa do pai.

“Interceda por nossa filha, pois ela não sabe o que faz.”

Já pressentia responsabilidades o sufocando, Luizinho logo foi pedir um aumento para o pai. A conversa iniciou-se com um tom manso que explicava as dificuldades do contexto atual, mas rapidamente se acalorou com a primeira recusa de Adamastor.

“Mair ora, um menino desse chêi de cabelo na bunda querendo mais dinheiro! ‘Cê fez o boneco, é ‘ocê que rai cuidar dele, cabra safado!”

Começou a quebrar a cabeça com o preço do leite e da fralda, ia se esquecendo dos refrões de Queen, dos nomes dos amigos (só conseguia chamá-los de “rapaz”), dormir virou seu maior lazer e o tinha interrompido, no meio da madrugada, com um choro estridente.

“Por que que esse menino só se caga essas hora, hmm?”, dizia segurando o filho pelos braços.

Aos poucos virava pai.

Com 26 anos reconhecia ter jogado fora seus anos de ouro. Não que agora devesse acordar de ressaca em um meio-fio, longe de essa ser a definição, mas também não deveria ter as costas e mãos doloridas de tanto trabalhar e ainda assim brincar de cavalinho com uma criança a quem chama de filho.

Sua relação com a mulher virou simplória, o fogo do começo se extinguiu até virar um único beijo de “tenha um bom dia”, aturava calado o pouco espaço ao qual tinha direito na cama, senão a mulher se estressava e lá se ia o sono embora. Estava preso por uma aliança, os problemas já eram demais para ter que suportar a má reputação de um divórcio. Só conseguia se esquecer das contas aos finais de semana, pois a bebida animava a cabeça, contanto que ainda tivesse consciência de supervisionar o menino no pula-pula do restaurante.

“Acho que não seria tão diferente se eu tivesse estudado. A cidade grande não aceita matuto.”, uma vez pensara nisso.

O caminhar das próprias pernas da mulher se tornara em cumprir tarefas domésticas, os mesmos chão e louça, que lavara por amor, agora eram lavados em troca de pão sobre a mesa. Quando jovem, sonhava em constituir família, planejar gestação, montar enxoval, ficar ansiosa na sala de parto e ser acalmada pela mão confiante do marido. A família estava montada: filho gerado por descuido e marido que faltara o parto para beber. A mulher transformou-se em um só ser com aquela casa, as mãos e as costas doloridas reduziavam seus sonhos a ter o lar limpo.

O futuro de Luizinho era o menino, era a vez dele de conseguir realizar o que não fora capaz.

O futuro da mulher era o menino, era a vez dele de não cometer os erros da mãe.

Para isso, eram precisos as melhores decisões, os melhores gostos, as melhores opiniões.

“Eu não butei filho meu em escola pra ele virar juiz de futebol não! Tu tem é que estudar pra virar menino direito.”, disse Luizinho, recriminando o apito de lábios do menino.

**Saiba como adquirir o livro
completo no site da SertãoCult**

www.editorasertaocult.com

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Editora

**SER
TÃO
CULT**

Este livro foi composto em fonte Perpetua e impresso no formato
12,5 x 18 cm em offset 75g/m², com 66 páginas e em e-book formato pdf.
Março de 2023.

"O **FUTEBOL** da metrópole era tal como o do interior, o dinheiro não muda as regras e as trapaças. Os adultos falavam e falavam dos lances, comparando-os com suas épocas de jogadores. 'Olha, na minha época, eu não jogava desse jeito não...', enquanto os pequenos mediam a qualidade dos times com as posições na tabela e com um placar de um jogo que nem se lembrava mais. Campo de terra virava quadra, chinelas viravam chuteiras e luvas de goleiro, chute forte era proibido, ninguém queria brincar de gandula e ir buscar bola no meio de mato e debaixo de carro. Jogo importante era em grama sintética e alambrado, muro com cara de pintado recente, Quadra Municipal Toledo Neves. Toledo era o nome do prefeito, a quadra ficava perto de sua casa."

"**BERNARDO** se decepcionou em vez de se estressar, havia entendido o problema e culpado sua própria tolice. Aquelas tulipas sempre sorriam, demonstravam sua melhor versão, que chovesse canivetes, metafórica ou literalmente, as cores seriam tão vivas quanto na semana passada, os outros sempre se questionariam sobre a fonte de tamanho otimismo. Talvez fosse perseverança, talvez tenham tido um passado tão trágico, que aprenderam a suportar as adversidades e assim, incapazes de murchar. Bernardo aprendia o motivo.

Eram flores de plástico. Seres falsos. Réplicas do ateliê."

"O **CUSTO** advinha de uma quebra de postura 'séria' de Lutendo, que resultara em um assédio sobre uma colega de trabalho. A defesa escolhida pelo pai soube aplicar muito bem os termos 'contexto', 'estado emocional', 'abalo', 'falsa acusação', 'arrepentido' no discurso. O futuro do filho salvo por 5 dígitos, os quais sofreram um acréscimo pelo escritório de porcelanato do advogado e os biscoitos caros sobre a mesa."

"**PRIMORDIALMENTE**, os ternos mais serviam para esconder as tatuagens, com uma bíblia debaixo do braço confundiam-nos com crentes. Esse disfarce serviu até que, ao perguntarem o nome de nossa assembleia, Rogerinho respondera:

'Assembleia de São Judas Iscariotes.'"

"**CONSIDERO** que o amor é uma excitação que se aprende a controlar e a externar em palavras bonitas." (...) "Quem me fez pensar assim foi Cacildo."

